

O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação*

Ana Canen**

** PhD em Educação, University of Glasgow.
Profa. adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação/FE/UFRJ, pesquisadora do CNPq.*

Introdução

O que significa o multiculturalismo? Em que medida é percebido de forma homogeneizada, ignorando-se suas abordagens plurais? Como se definem identidade e diferença, universalismo e relativismo, em suas diversas visões? Existiria alguma abordagem multicultural que superaria novas formas de universalismos, como aqueles ligados à ‘universalização dos particularismos’? Seria o multiculturalismo um campo de conhecimentos ou apenas uma visão prática e política sobre formas de se lidar com as diferenças? Que desdobramentos no ensino podem assumir as visões multiculturais?

O presente artigo, longe de fornecer respostas definitivas às questões acima, pretende levantar reflexões que possam problematizar mitos e visões essencializadas do multiculturalismo, bus-

* Artigo baseado em pesquisa sobre Multiculturalismo e Educação, apoiada pelo CNPq.

cando traçar um breve panorama de seus dilemas, desafios e complexidades, focalizando particularmente suas articulações com a educação. É importante observar que se cobra, justamente da educação, a formação de gerações nos valores de tolerância, de cidadania crítica, de valorização da pluralidade cultural, de flexibilidade e abertura para novas possibilidades de construções de conhecimento e de soluções a problemas.

O argumento que defendemos é que, se o multiculturalismo pretende contribuir para uma educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças. Não procuramos fornecer receitas – mesmo porque o cerne do multiculturalismo é o questionamento sobre verdades únicas e absolutas, narrativas mestras – mas sim buscamos levantar questões e reflexões sobre possíveis olhares teóricos e caminhos de pesquisa para tentar viabilizar uma educação que questione o modelo único, branco, masculino, heterossexual e ocidental que embasa discursos curriculares monoculturais, dominantes, sem, no entanto, cair em dogmatismos e radicalismos que continuem a separar eu-outro, normalidade-diferença.

Pensando multiculturalmente sobre educação: significados e abordagens

O multiculturalismo é um termo que tem sido empregado com frequência, porém com diferentes significados. Desta forma, críticos e defensores do mesmo travam, muitas vezes, lutas e discussões em torno de um conceito que, na verdade, pode estar sendo entendido de formas diferentes para os envolvidos em tais disputas. A começar pelo nome: alguns apontam que o interculturalismo seria um termo mais apropriado, na medida em que o prefixo ‘inter’ daria uma visão de culturas em relação, ao passo que o termo multiculturalismo estaria significando o mero fato de uma sociedade ser composta de múltiplas culturas, sem necessariamente trazer o dinamismo dos choques, relações e conflitos advindos de suas interações.

Além dos termos que o definem, as perspectivas que informam o multiculturalismo também variam, conforme temos apontado (CANEN & OLIVEIRA, 2002; CANEN & CANEN, 2005; CANEN & PETERS, 2005), desde uma visão mais folclórica ou liberal (valorizadora da pluralidade cultural, porém reduzindo as estratégias de trabalho com a mesma a aspectos exóticos, folclóricos e pontuais, como receitas típicas, festas, dias especiais – dia do Índio, por exemplo), até perspectivas mais críticas (também chamadas de multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica, em que o questionamento da construção dos preconceitos e das diferenças é o foco do trabalho).

Nesse sentido, críticas que atribuem ao multiculturalismo a exaltação da pluralidade cultural mas o acusam de se omitir com relação às desigualdades estão, na verdade, sendo dirigidas a um sentido de multiculturalismo – folclórico – que, certamente, não é o único. O multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica busca articular as visões folclóricas a discussões sobre as relações desiguais de poder entre as culturas diversas, questionando a construção histórica dos preconceitos, das discriminações, da hierarquização cultural. Entretanto, o multiculturalismo crítico também tem sido tensionado por posturas pós-modernas e pós-coloniais, que apontam para a necessidade de se ir além do desafio a preconceitos e buscar identificar, na própria linguagem e na construção dos discursos, as formas como as diferenças são construídas. Isso porque a visão pós-moderna, grosso modo, focaliza os processos pelos quais os discursos não só representam a realidade, mas são constitutivos da mesma.

Isso significa que, para além das estratégias e visões do multiculturalismo crítico, a perspectiva pós-colonial e pós-moderna do

Críticas que atribuem ao multiculturalismo a exaltação da pluralidade cultural mas o acusam de se omitir com relação às desigualdades são dirigidas a um sentido de multiculturalismo que, certamente, não é o único.

multiculturalismo busca ‘descolonizar’ os discursos, identificando expressões preconceituosas (metáforas e imagens discriminatórias), bem como marcas e construções da linguagem que estejam impregnadas por uma perspectiva ocidental, colonial, branca, masculina etc.

É importante assinalar que as diferenças entre as abordagens multiculturais acima relacionadas remetem, em última análise, a questões de fundo quanto: a) à forma como a identidade e a diferença são concebidas; b) à relação entre universalismo e relativismo na abordagem dada ao real c) à compreensão do multiculturalismo como campo de estudos de caráter híbrido. Analisarei, a seguir, essas questões.

Identidade e diferença

Ao lidar com o múltiplo, o diverso e o plural, o multiculturalismo encara as identidades plurais como a base de constituição das sociedades. Leva em consideração a pluralidade de raças, gêneros, religiões, saberes, culturas, linguagens e outras características identitárias para sugerir que a sociedade é múltipla e que tal multiplicidade deve ser incorporada em currículos e práticas pedagógicas.

No entanto, em uma visão essencializada, a identidade é vista como essência acabada. Se a abordagem multicultural é construída sobre essa suposição, ainda que valorize a pluralidade de identidades, irá visualizá-las como entidades estanques: ‘o negro’, ‘o índio’, ‘a mulher’, ‘o deficiente’ e assim por diante. É o caso, por exemplo, das perspectivas multiculturais folclóricas e daquelas que se baseiam em certas vertentes do multiculturalismo crítico, que ainda não incorporaram o caráter de construção das identidades, nem se voltaram ao papel dos discursos nessa construção.

Nessa perspectiva, ainda que questionem preconceitos e trabalhem em prol de uma sociedade mais justa e menos discriminatória, superando o mero ‘exotismo’ que caracteriza o multiculturalismo folclórico, as estratégias multiculturais críticas ainda estariam trabalhando com a idéia uniforme e acabada das identidades, sem considerar o dinamismo, o hibridismo, as sínteses culturais e o

movimento constante que resulta em novas identidades. É o caso, por exemplo, em que se decide desenvolver estratégias para desafiar o preconceito contra o índio, mas não se considera a complexidade cultural das nações indígenas, com suas linguagens múltiplas, seus significados plurais etc. Ainda que a intenção seja crítica, a homogeneidade da categoria ‘índio’ assenta-se em uma visão da identidade como ‘essência acabada’, o que pode resultar em um congelamento das identidades e das diferenças.

Por outro lado, o multiculturalismo crítico pós-modernizado ou pós-colonial (CANEN & OLIVEIRA, 2002; CANEN & PETERS, 2005; HALL, 2003) irá focalizar não só a diversidade cultural e identitária, mas também os processos discursivos pelos quais as identidades são formadas, em suas múltiplas camadas. Dessa maneira, tal visão de multiculturalismo não se limita a constatar a pluralidade de identidades e os preconceitos construídos nas relações de poder entre as mesmas. Vai, isto sim, analisar criticamente os discursos que ‘fabricam’ essas identidades e essas diferenças, buscando interpretar a identidade como uma construção, ela própria múltipla e plural. Dessa maneira, a própria identidade é objeto de análise do multiculturalismo pós-moderno ou pós-colonial. A hibridização ou hibridismo é conceito central dessa perspectiva multicultural: a construção da identidade implica que as múltiplas camadas que a perfazem a tornem híbrida, isto é, formada na multiplicidade de marcas, construídas nos choques e entrechoques culturais.

Souza Santos (2001) alerta que o multiculturalismo crítico pós-colonial discute as “diferenças dentro das diferenças”, recusando a idéia de que as identidades plurais que constituem a sociedade sejam estáticas, unas, indivisíveis. De fato, nesta visão, não haveria tipos identitários ‘puros’: as sínteses culturais fazem com que todos sejamos constituídos no hibridismo. Por exemplo, somos mulheres, negras, ocidentais e afro-descendentes. Em certas ocasiões, a marca identitária negra pode prevalecer (ASSIS & CANEN, 2004), mas em outras é a de gênero, e assim por diante. Gonçalves & Silva (2000), apontam, nesta linha, para a necessidade de os movimentos negros lidarem com a diversidade em seu interior, diversidade

esta marcada ora pela presença das mulheres negras em uma situação bastante diferenciada, ora por jovens que trazem a marca de seus próprios movimentos, de seus grupos de estilo e outros.

Bauman (2005, p. 17), por sua vez, é eloqüente ao considerar que o “ ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. O referido autor ilustra, por meio de sua própria biografia, sua identidade híbrida, recordando Agnes Heller quando afirmava que “ sendo mulher, húngara, judia, norte-americana e filósofa, estava sobrecarregada de identidades demais para uma só pessoa” (ibid., p. 19). Tais considerações podem ser aplicadas a grupos identitários diversos, evitando com que se caia no erro de congelar e homogeneizar identidades e diferenças.

Temos proposto três níveis pelos quais as identidades podem ser trabalhadas (CANEN & CANEN, 2005): identidades individuais, coletivas e organizacionais. No primeiro caso, trata-se de se perceber as hibridizações presentes nas formas pelas quais as identidades são produzidas, nos indivíduos. No segundo caso, uma suspensão ‘temporária’ da construção identitária é realizada em prol do reconhecimento de algum ‘marcador mestre’ (CANEN & GRANT, 2001) que confere o sentimento de pertença das identidades a grupos coletivos específicos, de modo a garantir seus direitos à representação nos espaços sociais e culturais. É o caso de identidades negras, homossexuais, indígenas, de mulheres e assim por diante. O desafio, neste caso, é o de compreender a redução da identidade para fins definidos, de modo a que não se dogmatize ou

se congele a identidade a partir de um marcador específico, ignorando sua mobilidade e hibridização, como dito anteriormente.

Finalmente, argumentamos que as identidades organizacionais ou institucionais – compreendidas como aquelas que se caracterizam pela missão específi-

O multiculturalismo crítico focaliza não só a diversidade cultural e identitária, mas também os processos discursivos pelos quais as identidades são formadas.

ca das organizações e instituições, em articulação com a pluralidade cultural, étnica, racial e outras de seus atores, na busca de um clima institucional positivo, aberto à diversidade cultural e desafiador de pensamentos únicos – é aspecto central no estudo do multiculturalismo nos diversos espaços sociais, incluindo a escola e a universidade.

O cerne do multiculturalismo crítico, em sua versão pós-colonial é, portanto, o desafio à naturalidade com que normas e diferenças se apresentam na sociedade. A desconstrução dessas normas e diferenças, nos discursos e nas linguagens, implica a necessidade de projetos que possam ir além de denúncias e que incluam estratégias no sentido de colocar ‘a nu’ o caráter de construção dessas noções, de forma a desafiá-las, rumo à construção de identidades individuais, coletivas e organizacionais abertas à diversidade cultural e desafiadoras de preconceitos e dogmatismos que congelam aqueles percebidos como ‘os outros’.

Universalismo e relativismo

Uma outra questão que mobiliza as diferentes perspectivas multiculturais é a tensão *universalismo x relativismo*. Em linhas gerais, o universalismo implica que há um conjunto de valores que o indivíduo acredita serem universais, ou seja: valores independentes das culturas que constituem o tecido social, portanto universais, compartilhados por toda a humanidade. Por outro lado, no outro extremo do espectro, o relativismo remete a uma corrente do pensamento que não crê na existência de um real, universalmente apreensível, ou de uma verdade absoluta, que seja independente dos valores culturais e visões de mundo que a constroem. Valdés (1997), em uma perspectiva universalista, afirma que certos princípios jurídicos e éticos devem ser válidos para toda a sociedade, não importando os valores culturais plurais dos grupos identitários que a compõem. Em outra perspectiva, Batalla (1997) assinala que não há possibilidade de uma fundamentação universal que possa balizar atitudes com relação às identidades diversas: para ele, tal perspectiva universalizada implica o silenciamento de

certas vozes e culturas, em nome de uma ‘pseudo’ universalidade que, na verdade, estaria construindo escalas nas quais se classificam como superiores aqueles valores correspondentes aos das classes hegemônicas na sociedade.

No caso do multiculturalismo, alguns autores tais como Bourdieu (1999) expressam o receio de que, sob o pretexto de defesa de identidades marginalizadas e, em muitos casos, da visão relativista, tal visão poderia estar criando novos universalismos e novos essencialismos identitários. De fato, ao se referir às lutas identitárias, Bourdieu (1999) aponta que, para se opor ao que ele denomina de “universalismo hipócrita”, os movimentos de subversão simbólica ligados a identidades coletivas (compreendidos como sendo multiculturais), podem terminar por construir “guetizações” e “universalizar os particularismos” (p. 148). De modo a superar esse perigo, o referido autor propõe que o potencial subversivo do que ele denomina de “movimentos particularistas” (referindo-se, como exemplo, aos movimentos homossexual e ao feminista), coloquem “a serviço do universal, as vantagens particulares que [os] distinguem dos outros grupos estigmatizados” (p. 149).

Acreditamos que a proposta do referido autor, ainda que não solucione o artificialismo de denominar os ‘universal’ conjuntos de valores que são, necessariamente, contingentes e referenciados a grupos de poder, tem o potencial de reforçar a tese do multiculturalismo pós-colonial e da hibridização identitária que defendemos anteriormente. De fato, o cerne da questão da crítica ao multiculturalismo é o de que ele é percebido muitas vezes de forma unívoca, quando, na verdade, como demonstramos, trata-se de conceito polissêmico e polifônico por excelência. Assim, o conceito mais alargado de identidade que propomos, bem como sua visualização no contexto multicultural pós-colonial, traz, acreditamos, novo fôlego a visões multiculturais, superando limites essencializantes em que o multiculturalismo pode recair. Isso porque tais visões justamente questionam a essencialização das diferenças, propondo formas pelas quais as lutas de grupos identitários possam ser articuladas à busca de desafio a preconceitos e congelamento identitário, de forma ampla.

Do mesmo modo, perceber que o relativismo total e a essencialização das diferenças não são traços de *todas* as visões multiculturalistas é importante, como temos procurado demonstrar. No caso da tensão entre universalismo e relativismo, ou entre universalismo e particularismo/diferencialismo, como alguns preferem, é também abordada por D'Adesky (2001), ao comentar a respeito de abordagens que fundamentam propostas anti-racistas. No caso do anti-racismo que é proposto em uma perspectiva universalista, trata-se de promover 'respeito incondicional pelo direito à diferença', como um postulado universal. Assim, este tipo de postura anti-racista compreende o anti-racismo como exigência da humanidade comum. O referido autor aponta que, ao falar em nome da humanidade e de um direito universal à diferença, tal perspectiva universalista anti-racista reivindica, na verdade, o direito à semelhança, apagando as identidades coletivas que são vítimas específicas do racismo. Já em outro extremo, o anti-racismo particularista absolutizaria "a diferenciação, a separação, a expulsão, até mesmo a eliminação dos grupos diferentes, estranhos, que ameaçam a identidade comunitária própria" (ibid., 26).

Em nossa visão multicultural, acreditamos que, mais do que pólos opostos, o que existe é uma relação tensa, dialética, que expressa, na verdade, um *continuum* entre o que se convencionou denominar de universalismo e relativismo. Tal visão avança no sentido de se perceber o caráter de construção da universalidade, que é, na verdade, sempre produzida por determinados grupos e, ao mesmo tempo, permite um instrumental que possa combater o relativismo exacerbado – que impede, no limite, que se estabeleçam padrões pelos quais se avançar na produção do conhecimento multicultural.

Concordamos com D'Adesky (2001) quando aponta que, para superar a dicotomia universalismo-relativismo, devemos trabalhar com a tensão entre ambas as

***É importante
perceber que o
relativismo total e a
essencialização das
diferenças não são traços
de todas as visões
multiculturalistas.***

perspectivas, por meio de diálogos que busquem caminhos que traduzam estratégias viabilizadoras de lógicas de negociação, de diálogo e argumentação entre culturas, de modo a superar extremismos e enfrentar o racismo de forma efetiva e consistente. Acima de tudo, defendemos que as lutas das identidades individuais, coletivas e institucionais, em seus particularismos, sejam, acima de tudo, ‘portas de entrada’ para a compreensão das formas reais e simbólicas pelas quais são construídas diferenças, invisibilidades identitárias e preconceitos, de modo a confrontá-los e superá-los.

Multiculturalismo: prática, política ou teoria?

A polissemia, as visões epistemológicas diferenciadas e as interpretações plurais no que tange ao universalismo e relativismo e às categorias *identidade* e *diferença*, conforme exposto anteriormente, permitem vislumbrar a complexidade do termo *multiculturalismo*. A tais dilemas acrescenta-se o questionamento sobre o que seria o multiculturalismo – prática, política, ou enfoque teórico?

Mais uma vez, não se trata de produzir, no escopo dessa seção, resposta que se pretenda definitiva à questão. Reportamo-nos a Charlot (2006), que defende o caráter “mestiço” da educação como teoria, para argumentamos que o multiculturalismo constitui-se, para além de suas facetas práticas e políticas, também em campo teórico híbrido ou ‘mestiço’, definido por Charlot (2006) como “um campo de saber... em que se cruzam, se interpelam e, por vezes, se fecundam, de um lado, conhecimentos, conceitos e métodos originários de campos disciplinares múltiplos e, de outro lado, saberes, práticas, fins éticos e políticos. O que [o] define... é essa mestiçagem, essa circulação” (p. 9). Tal visão, como argumenta o referido autor, certamente vai de encontro ao que ele denomina de “panelinhas teóricas”, mais interessadas em assegurar posições de poder institucionais travestidas como defesa de cânones científicos.

Defendemos, assim, que os problemas que se apresentam, particularmente na área educacional, no mundo complexo e contemporâneo, não podem reduzir-se a olhares que se fecham em campos disciplinares de fronteiras rígidas, mas, ao contrário, exigem res-

postas elas próprias complexas, mestiças, híbridas, que atravessam tais fronteiras, construindo redes que desafiam noções essencialistas de cientificidade. No caso do multiculturalismo, em que o objeto por excelência é o desafio a preconceitos, a visões essencializadas e homogeneizadas das identidades e das diferenças e a discursos que as constroem, no âmbito das relações sociais e educacionais, certamente sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir no caminho da construção de alternativas educacionais propiciadoras da formação de gerações abertas à diversidade cultural, e desafiadoras de congelamentos identitários e preconceitos.

Sínteses criativas a partir de olhares plurais só têm a contribuir na construção de alternativas educacionais propiciadoras da formação de gerações abertas à diversidade cultural.

Implicações multiculturais no ensino e na pesquisa

Embora a questão abordada seja complexa e extrapole os limites do presente texto, é importante ter em mente que os desafios do multiculturalismo, tanto em termos da sua compreensão como campo teórico híbrido, como também com relação à construção das identidades e das diferenças e às formas pelas quais a tensão universalismo e particularismo é enfrentada, podem ter implicações diversas sobre currículos e posturas multiculturais em educação. Evidentemente, não se pode falar em perspectivas ‘puras’: as abordagens discutidas anteriormente vêm, geralmente, imbricadas e são, elas próprias, hibridizadas.

O importante, no entanto, é que se tenha consciência dos tipos de perspectivas pelas quais o multiculturalismo pode ser compreendido, bem como os objetivos multiculturais que se deseja alcançar. Ao mesmo tempo, nada impede que o professor multiculturalmente comprometido faça uso de estratégias plurais em suas

práticas, desde aquelas vinculadas a perspectivas mais folclóricas àquelas associadas a perspectivas mais críticas do multiculturalismo. Nosso argumento é que, informando tais opções, deve haver um projeto mais amplo de multiculturalismo, no qual o professor perceba os pressupostos e implicações deste tipo de trabalho e as finalidades mais amplas que deseja alcançar: trata-se apenas de conhecer trajes, comidas e festas típicas? Ou este tipo de atividade será um meio para se atingir outros níveis de multiculturalismo, questionadores das diferenças, dos preconceitos e dos racismos? Se essa última é a opção, o professor estará utilizando estratégias e caminhos plurais cômico de que tais caminhos fazem parte de uma proposta de cidadania crítica, democrática e não apenas de apreciação da riqueza cultural.

Podemos exemplificar o caso de um professor que deseje trabalhar em uma perspectiva multicultural crítica pós-modernizada ou pós-colonial. Neste caso, uma idéia de atividade seria, por exemplo, propor tarefas que exijam crítica cultural, em que os alunos tentem identificar vozes silenciadas e/ou estereotipadas, em livros didáticos e outros materiais. Outras atividades são propostas por autores, incluídos em estudo organizado por Trindade & Santos (1999). Alguns autores sugerem atividades tais como pedir que meninos e meninas busquem a definição de mulher, de negro, de judeu, e outras identidades marginalizadas, no dicionário, vendo estereótipos e/ou possibilidades de valorização dessas identidades, aí presentes.

Após (ou concomitantemente a) essas atividades de cunho multicultural crítico – que enfatizam as identidades coletivas de raça, gênero, etnia e outras silenciadas e marginalizadas – esse mesmo professor deseja ir além, de forma a sensibilizar os alunos para a hibridização identitária, para as diferenças dentro das diferenças, de forma a não dar uma idéia de homogeneidade e congelamento identitário em torno do ‘negro’, do ‘índio’, da ‘mulher’ e outras identidades. Nesse caso, dentro de sua perspectiva multicultural crítica pós-colonial, poderia buscar outras atividades, que dirijam a atenção dos alunos a aspectos que fazem parte da construção de suas próprias identidades. Dentre algumas estratégias, uma, por

exemplo, foi desenvolvida por um professor que requisitava que os alunos construíssem uma ‘pizza’ de papel, colocando, nas fatias, influências, fatores e marcas identitárias que consideravam centrais para a construção de suas identidades. Tal atividade era compartilhada no grupo, discutindo-se as camadas múltiplas que perfazem as identidades e sensibilizando-se os alunos, dessa forma, para a hibridização nas suas próprias construções identitárias.

Em outra perspectiva, situações envolvendo racismos e outras discriminações podem ser apresentadas para discussões, levantando-se questões que desafiem qualquer congelamento identitário tanto das identidades oprimidas quanto das próprias identidades opressoras. Assim, por exemplo, questionar ondas de anti-islamismo, bem como de anti-semitismo e anti-americanismo, pode ser um importante caminho, particularmente em aulas de história e outras em que os assuntos que têm assolado o mundo sejam trazidos à tona. O multiculturalismo crítico pós-modernizado ou pós-colonial traz, como mote, o compromisso com a desconstrução dos discursos que, ainda que comprometidos com a justiça e o desafio a preconceitos, ainda permanecem congelando identidades e demonizando o ‘outro’. Idéias referentes à avaliação da aprendizagem e à avaliação institucional multiculturalmente orientada (CANEN, 2004; CANEN, 2005), podem servir de inspiração para atividades avaliativas, levando em conta a diversidade cultural e o desafio a preconceitos.

Da mesma forma, sensibilizar alunos para formas plurais de dar significado ao mundo, segundo percepções culturais diversificadas, não significa cair em um vale-tudo, um relativismo total em que quaisquer valores sejam aceitos de forma a-crítica. Conforme argumentamos, a perspectiva multicultural que abraçamos implica que um diálogo seja estabelecido entre valores éticos, humanos de preservação da vida e de respeito à existência do ‘outro’ e aqueles valores plurais que são particulares a grupos e identidades específicas.

A partir do momento em que tais valores implicam a eliminação do outro, real ou simbólica, não podem ser aceitos. O professor poderia trabalhar essas questões de forma a conseguir um consenso *a-posteriori*, isto é: por intermédio do diálogo, das discus-

O multiculturalismo como horizonte de trabalho docente não é um ‘adendo’ ao currículo: deve, ao contrário, impregnar estratégias, conteúdos e práticas normalmente trabalhados em aula.

sões, levar à compreensão de um vocabulário ético que possa impregnar a apreciação de valores de povos e grupos identitários plurais, sem que se incentive a aceitação de práticas cruéis, voltadas à eliminação da vida. Significa, também, que as estratégias multiculturais devem ser voltadas para a pluralidade cultural dentro da própria sala de aula, valorizando as culturas e significados plurais pelos quais se constroem as percepções dos alunos, bem como trabalhando de forma a desafiar posturas racistas, anti-discriminatórias e homogeneizadoras das diferenças que circulem nos discursos presentes entre discentes e docentes.

Conclusões

O presente texto discutiu dilemas do multiculturalismo em termos de seu objeto, de sua definição como campo teórico híbrido ou mestiço, bem como dos desafios das categorias identidade, diferença, universalismo e relativismo que se articulam às suas discussões, analisando, também, implicações nas práticas pedagógicas de abordagens multiculturais diferenciadas. Apontou para a necessidade de superação de posturas dogmáticas que, ainda que informadas por perspectivas voltadas à justiça social e ao desafio a preconceitos, ainda permanecem no campo dos binarismos que separam ‘eu-outro’, ‘branco-negro’ e assim por diante, desconhecendo as diferenças dentro das diferenças.

Evidentemente, as idéias acima apresentadas, com relação ao multiculturalismo, são abertas a críticas, não sendo imunes a questionamentos e desafios. Na medida em que professores e alunos embarcam em caminhos de valorização da pluralidade cultural e desafio a preconceitos, certamente serão confrontados com dile-

mas e perplexidades referentes a estas questões. O importante é não nos atermos a fórmulas acabadas ou receitas pré-fabricadas. A conscientização acerca das abordagens que informam diferentes estratégias multiculturais, bem como sobre tensões a elas inerentes, devem servir de estímulo para que se continuem as discussões, de forma a desafiar verdades únicas e posturas que homogeneizam as identidades e congelam as diferenças.

O multiculturalismo como horizonte de trabalho docente não é um ‘adendo’ ao currículo: deve, ao contrário, impregnar estratégias, conteúdos e práticas normalmente trabalhados em aula pelo professor, como brevemente ilustrado anteriormente. Nesse sentido, mais uma vez, reforça-se o papel do professor como pesquisador constante de sua prática, construindo, no seu cotidiano, perspectivas multiculturais que resultem em discursos alternativos, que valorizem as identidades, desafiem a construção dos estereótipos e recusem-se a congelar o ‘outro’. ■

Referências bibliográficas

- ASSIS, M. & CANEN, A. (2004), “*Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo*”, *Cadernos de Pesquisa*, V. 34, n°. 123, pp. 709-724.
- BATALLA, G. B. (1997), “*Implicaciones éticas del sistema de control cultural*”. In: Olivé, L. (org.), *Ética y Diversidad Cultural*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, pp. 195 - 204.
- BAUMAN, Z. (2005), *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOURDIEU, P. (1999), *A Dominação masculina*. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras.
- CANEN, A. (2004), “*Institutional Evaluation, Knowledge and Multiculturalism: ways ahead in Brazilian Higher Education*”, *Current Issues in Comparative Education*, Columbia University, V. 6, N. 1.
- CANEN, A. (2005), “*Avaliando a avaliação a partir de uma perspectiva multicultural*”, *Educação Brasileira*, V. 27, n°. 54, pp. 95-114.
- CANEN, A. & GRANT, N. (2001), “*Conhecimento e Multiculturalismo em Políticas Educacionais no Mercosul: limites e possibilidades*”. In: Canen, A. & Moreira, A. F. B. (orgs.), *Ênfases e omissões no currículo*. São Paulo: Ed. Papirus, pp. 163- 194.

Dossiê Educação e Desenvolvimento

Ana Canen

- CANEN, A. & OLIVEIRA, A. M. A. de (2002), “*Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso*”, *Revista Brasileira de Educação*, n.º. 21, pp. 61-74.
- CANEN, A. G. & CANEN, A. (2005), *Organizações multiculturais*. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna.
- CANEN, A. & PETERS, M. (2005), “*Editorial: Issues and Dilemmas of Multicultural Education: policies and practices*”, *Policy Futures in Education*, V. 3, pp. 309-313.
- CHARLOT, b. (2006), “*A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber*”, *Revista Brasileira de Educação*, V. 11, n.º. 31, pp. 7-19.
- D’ADESKY, J. (2001), *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas.
- GONÇALVES, L. A. de O. & SILVA, P. B. G. (2000), “*Movimento negro e educação*”, *Revista Brasileira de Educação*, n.º. 15, pp. 134-158.
- HALL, S. (2003), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- SOUZA SANTOS, B. (2001), “*Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento*”, *Educação e Realidade*, v. 26, n.º.1, pp. 13-32.
- TRINDADE, A.L. da & SANTOS, R. (orgs.) (1999), *Multiculturalismo: mil e uma faces da escola*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A.
- VALDÉS, E. G. (1997), “*El problema ético de las minorías étnicas*”. In: Olivé, L. (org.), *Ética y Diversidad Cultural*. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, pp. 31-58.

O Multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação

Ana Canen

Resumo

O artigo problematiza mitos e visões essencializadas do multiculturalismo, buscando traçar um breve panorama de seus desafios e complexidades, focalizando particularmente suas articulações com a Educação. Discute dilemas do multiculturalismo em termos de seu objeto, de sua definição como campo teórico híbrido ou mestiço, bem como de suas categorias centrais de identidade, diferença, universalismo e relativismo, que se articulam às suas discussões. Ao final, analisa implicações nas práticas pedagógicas de abordagens multiculturais diferenciadas.

Palavras-chave

Multiculturalismo – identidade – educação

Abstract

The present article problematises essentialised myths and visions of multiculturalism. It discusses its challenges and complexities, particularly focusing on its connections with Education. It discusses dilemmas of multiculturalism in terms of its object, as well as its definition as a hybrid or mixed theoretical field. It also analyses its central categories, namely identity, difference, universalism and relativism, that are inherent in its discussions. It concludes with suggestions of possible implications for pedagogical practices within plural, multicultural perspectives.

Key words

Multiculturalism – identity – education

E-mail:

acanen@globocom